

A ENFERMAGEM RELIGIOSA

UMA ESPECULAÇÃO

que tem objectivos caracteristicamente ultramontanos

A Situação, segundo ela diz, empreendeu uma intensa campanha tendente ao restabelecimento da enfermagem religiosa nos hospitais. Acreditamos que tal facto se tenha dado, embora tivesse passado, em absoluto, despercebido. Lemos, de facto, naquele jornal, alguns artigos repizando uns argumentozinhos vestidos de adjectivos irritantes, argumentozinhos que, pela sua carência, não são de lógica como de aparência de lógica, davam a ideia de que para melhor combater a referida enfermagem procuravam dar a impressão de que a defendiam. Mas presunção e água benta, cada qual toma, descrecionariamente, a que lhe apetece, e uma vez que está convencida de que fez uma campanha, concordemos com ela, tanto mais que isso não nos custa nem um centavo, nem a anulação duma má vontade pessoal contra um jornal que faz a política pessoal das ideias pessoais do sr. Cunha Leal, a maior velocidade das ventoinhas cómicas da política.

Campanha ou o que ela supõe campanha acabou por expulso de quem a promoveu, exgotamento de quem só supunhamos capazes de homens de génio e os moços de frete e a Situação não possui, felizmente para ela, nenhum dos ciclopes da matéria e nenhum dos hercules do espírito.

O archote passou para as mãos do sr. Silva—o sr. Silva, sim, o aquele o tal o famoso sr. Silva, filho de pai e mãe e conhecido pelas pessoas de sua família—que alegando ter sido antigo funcionário da Assistência Pública, talvez até bastante anterior à própria Assistência Pública, declara que está de acordo com a campanha (?) pelo muito que viu em vários asilos, incluindo o dos cegos.

O restabelecimento da enfermagem religiosa estabelece, claramente, a ideia da existência duma outra que o não é. Se o sr. Silva, que é um fervoroso partidário dos fósforos com cabeça, dá licença, nós começaremos por discordar da sua luminosa opinião e por afirmar que não há enfermagem religiosa nem enfermagem anti-religiosa, mas sim enfermagem competente e enfermagem que o não é.

Não é estúpido, mas incommensuravelmente estúpido, perguntar a um médico que se apresente a exercer a sua clínica se ele acredita que Deus construiu o mundo? A um médico exige-se-lhe que perceba da sua profissão. Damos aos católicos, aos mais inveterados, aos mais fanáticos, a escolha entre um médico religioso mas incompetente e um outro que é ateu mas talentoso. Sem uma hesitação, ele decidirá-se há pelo último, alegando, com razão, que para salvar a alma procura o padre e para salvar o corpo procura o médico.

Com a enfermagem a resposta seria a mesma.

Se nos hospitais não se tratam bem os doentes—e não basta dizê-lo, é preciso prová-lo—a culpa é do enfermeiro que prevaiçoso e de todos os funcionários que lhe são superiores, consentindo que ele prevaiçoso, sem o admoestar ou despedir-se, para defesa do doente, tal medida for necessária. Uma enfermagem que, prevaiçoso não é composta nem de religiosos, nem de ateus, pois a técnica da sua profissão não se aprende na igreja, nem vem na Bíblia nem nos livros de missa, mas de prevaiçadores.

Nos hospitais não se admitem nem médicos, nem enfermeiros segundo a sua crença ou a sua descrença, mas segundo a sua competência. Que eles vão à missa ou passem pelos templos sem lhes dar mais do que um olhar de indiferença isso é uma questão que afecta apenas o seu fôro íntimo e insusceptível de interessar a terceiros pessoas além de que isso nada tem que ver com as suas atribuições.

No interesse dos doentes era assim que a questão devia ser tratada. Mas nesta questão, os doentes não estão em causa mas sim a enfermagem religiosa, cujos defensores encontraram neles o melhor argumento, o único argumento fora do objectivo que se procura de se

restaurarem no país as congregações e os conventos, com a sua população de frades, jesuítas, freiras e irmãs da caridade.

Que defendam o regresso das congregações dentro do campo onde a questão deve ser colocada, e não se venha com a cínica especulação da vida dos doentes que, pela desdita e pelo sofrimento resultantes das suas enfermidades, deviam ser sagrados se, por ventura, fossem acessíveis à piedade os corações empedernidos de certos filantropos de meia tijela, que fingem de pessoas sensíveis e humanitárias.

A campanha pró-restabelecimento da enfermagem religiosa tem outro aspecto não menos miserável de que o de especulação feita à sombra dos doentes: é a acusação feita a toda uma classe—a dos enfermeiros—caluniando-a, cobrindo-a de lama, esquecendo-se desses profissionais da infâmia de que a lama, quando não acerta nos atingidos, vai chegar-se nos rostos deslavados de quem a arremessa.

Porque não protestam essas criaturas contra os preços, excessivamente elevados, que se exigem aos doentes que vão parar ao religiosíssimo hospital da Ordem Terceira, onde se leva couro e cabelo aos que pretendem ser tratados por criaturas que encham o cofre da casa a falar no amor de Deus e em nome de Cristo, que preconizava o desprezo pelos bens terrenos?

Mas, a tal enfermagem religiosa, ao menos essa, preocupa-se de facto com o sofrimento dos doentes e tem como objectivo único minorá-los, à custa dos mais porfiados esforços e dos mais abnegados sacrifícios? Quem tal disser, faz tábua rasa da verdade.

A mulher que se mete a freira resigna à vida e abandona o mundo. Ao transportar os humbrals do convento despediu-se de tudo o que constitui a alegria de viver, suicidou-se moralmente, considerando que no mundo não há um ser, não há um sentimento que valha uma dedicação, que valha a dedicação por Deus. Se essa freira vai para um hospital não é o sofrimento dos doentes que para lá a arrasta, mas o desejo de servir a Deus, o que é diferente. A sua preocupação principal, longe de ser o salvar-lhes a vida, como para aí se clama, consiste em salvar-lhes a alma, convertendo-os à religião. Se ela tivesse o desejo de se dedicar aos doentes, em vez de se fazer religiosa, tornar-se-ia enfermeira. E as portas dos hospitais não se fecham às dedicações, nem tampouco gestos de altruísmo que lá se praticam, como seja o da transfusão de sangue, são motivados pelo desejo de servir a Deus, mas de prestar ao próximo o belo gesto de solidariedade que lhe salva a vida.

Bolxevistas e conservadores

O pleito anglo-soviético

LONDRES, 25.—O governo deu ordem à comissão comercial que se encontrava em Moscovo para regressar imediatamente a Londres e mandou sair desta cidade os membros da missão comercial soviética. A imprensa britânica aprovou, em face das revelações de Baldwin, produzidas na Câmara dos Comuns, acerca da espionagem bolxevista, a rotura de relações com a Rússia, dizendo que o facto é amplamente justificado nas inúmeras provas comprometedoras que foram encontradas.—L.

PARIS, 25.—Os srs. Poincaré e Briand receberam, ontem à noite, o sr. Chicherine, comissário soviético dos Negocios Estrangeiros, com quem conferenciaram largamente, não tendo sido fornecida à imprensa qualquer nota sobre o que ali se passou.—L.

LONDRES, 25.—Por motivo do governo ter apresentado, na sessão de ontem da câmara dos comuns, o relatório acerca das buscas na casa "Arcos", as galerias encontravam-se repletas, estando presentes 40 membros do corpo diplomático, bem como muitos estrangeiros de representação. O partido trabalhista reuniu hoje de manhã, a fim de marcar a sua orientação no debate sobre o caso se realiza amanhã na câmara. O partido liberal também reúne hoje, com o mesmo fim. A imprensa continua a apoiar o governo na sua resolução de romper comercial e diplomaticamente com os soviéticos.

O sr. Chamberlain declarou na câmara dos comuns que o governo britânico não intervirá em quaisquer negócios de firmas russas, desde que estas limitem a sua acção ao exercício do comércio legal.—(L.)

Os humildes perante a justiça

do Tribunal dos Pequenos Delitos de Coimbra

A carta que em seguida publicamos, escrita a um amigo nosso que recorrerá à solidariedade do signatário em favor dos emigrados, trata um assunto que merece ser considerado pelas classes trabalhadoras e por isso a arquivamos nas colunas de A Batalha.

Em editorial de 21 do corrente, dizíamos nós: «Queremos apenas acentuar que a justiça é inflexível para os humildes e para aqueles a quem a ignorância e a miséria forçam a infringir as disposições do Código».

O depoimento que em seguida publicamos, confirma o que dissemos.

Meu amigo
Como você, também eu reconheço e lamento a frouxa solidariedade dos que ficam em relação aos que partiram.

Destes conheço alguns que, deixando 4 e 5 filhos que vivem em situação angustiosa, mandam ainda, lá de fora, o que lhes é absolutamente preciso para a vida.

Escuso dizer-lhe que, por alguns desses, tenho feito o que vai muito além das minhas possibilidades. E o que se dá comigo dá-se com outros amigos e conhecidos meus. Infelizmente a nossa contribuição, leve para eles, pesada para nós, tem sido agravada ainda, nestes últimos meses, com outras exigências, também clamorosas, também justas.

Refiro-me às sentenças do Tribunal dos Pequenos Delitos, que funciona aqui, no edifício do Governo Civil.

Eu, caro amigo, não conhecia semelhante tribunal. A minha ignorância em questões judiciais ia até ao ponto de crer que existia uma só espécie de tribunais e, consequentemente, uma só espécie de juizes.

Tal, porém, não acontece. Acabo de saber (por que estes pobres condenados me têm dito) que há tribunais comuns, tribunais especiais, de pequenos delitos, etc., etc. Se achar exagerada a minha ignorância, peço-lhe que leve em conta o facto de nunca ter respondido nem feito responder pessoa alguma em qualquer dessas instituições judiciais. Porque nunca me agravares?

Não, meu amigo: muita vez tenho sido agravaado e em que termos, Pai do Céu! Mas... eu não recorro a tribunais, porque tenho medo deles. Ainda quando me garantissem a questão com 99 1/2 probabilidades, eu não recorreria aos tribunais do meu país. Nem aos dos outros.

O adágio espanhol, ou melhor, a praga castelhana continua sendo verdadeira, e lá: «Ojalá te envolvessem em justiça, aunque ganes». Embora ganes!

E assim mesmo, caro amigo. O povo, todavia...

Mas, vinha eu dizendo, por causa das sentenças que se estão aplicando às classes trabalhadoras no Tribunal dos Pequenos Delitos, vemo-nos arrazados com subscrições, que se sucedem como os dias e as noites.

Hoje é uma mulher que chamou a uma comadre um nome feio; amanhã uma peixeira que se julgou na praia de Buarcos; no dia seguinte um operário que transgrediu qualquer postura municipal; depois, um carreiro, em seguida uma lavadeira, etc., etc.

As casas de prego estão abarrotadas de cordões de ouro, de relógios, de chales, e outras coisas que essa pobre gente ali vai depositar para calar as vozes da justiça.

Mas compreende bem que tudo isso é nada para satisfazer emolumentos judiciais, advogados, indemnização ao queixoso, multa para o Estado...

A esola é de tal ordem, nestes pequenos delitos, que muitos dos desgraçados que ali caem nunca mais se levantam.

Alguns recorrem à emigração, sem se lembrarem, os tristes, que vão cair noutra miséria—a que resulta das contas finais do agente de emigração, a quem os seus bens ficam hipotecados... para sempre!

Depois, repare nisso: muitas das pessoas a quem esses condenados vão pedir, ou comissões em seu nome, não subscrevem, por que sendo capitalistas ou proprietários de largos rendimentos, julgam que a condenação do pobre é uma necessidade—para o terem em respeito.

Deste modo ficamos só nós, os que temos pouco, a auxiliar esses condenados que, em geral, nada têm.

Mas, perguntará você, muitos são eles, para que assim nos embarcemos?

Pequenos delitos! O que serão e como se condenarão, nesse caso, os grandes delitos?

Não sei, nem faço ideia.

Digo-lhe só, meu velho: Oxalá que você não caia nunca em tribunais, mormente nos dos pequenos delitos, como estes, porque veni de lá sem camisa, como esses e essas que eu vejo sair, todos os dias, do Governo Civil e espalhare-se, depois, pela cidade, em choros e imprecações, que se não são vistos nem ouvidos no Céu, é porque lá não há ninguém!

Vai, no entanto, esse pequeno óbolo, que aumentarei, para outra vez, se o consentir o Tribunal dos Pequenos Delitos.

Lembre-me especialmente a F... cuja família ainda ontem vi, de boa saúde.

Abraço-o o seu velho amigo.

Coimbra, 18-5-927.

Tomás da FONSECA

Um convite

Convida-se a pessoa que nos deu as informações sobre aquele caso de batata por defeito pertencente à firma Bruno Patolera e a que o engenheiro agrônomo sr. Júlio A. A. Cardoso deu despacho, caso a que A Batalha fez referência no seu número de 8 de Dezembro, a passar, hoje pela redacção do nosso jornal, das 21 horas em diante.

"A BOLXEVIZAÇÃO DO PAÍS"

Romance calunioso dum pseudo-jornalista, ignorante e trapaceiro

Os redactores de A Batalha não conhecem pessoalmente o sr. Andrés y Morera, e ignoravam até que houvesse, em Espanha, um jornalista com esse nome. Dirigiram-se a vários camaradas seus e todos eles, numa surpreendente unanimidade de respostas, lhes afirmaram que nunca tinham ouvido falar em tal criatura, cuja existência, em absoluto, desconheciam.

Trata-se, por certo, dum jornalista de torna-viagem, feito profissional de ocasião, visto que ninguém o conhece, dentro da classe. E ainda bem que assim é, por não termos nenhuma espécie de satisfação em constatar, dentro do jornalismo espanhol, a existência dum trapalhão, destituído de escrúpulos nas suas afirmações e nas suas reportagens.

Este Andrés y Morera, parlapão emérito, publicou em La Nación um artigo sobre a bolxevização da península que, além de constituir um amontoado de disparates, é igualmente uma série de ignóbeis carapetões—que o Correio da Manhã, num gesto de solidariedade moral, chorante e comovedor, se apressou a transcrever, deplorando nós que ele, com esse gesto, pretenda provar que, cá e lá, Andrés y Morera há...

Nesse famoso artigo, são apontados os redactores de A Batalha como fundadores da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho, afirmação esta redondamente falsa, e que só podia ser feita por alguém tão baixo de carácter como profundo de estupidez e de ignorância—por alguém como Andrés y Morera, que teve sempre o cuidado de ocultar dos jornalistas portugueses a sua falsa individualidade de trabalhador de imprensa, anónimo, incompetente e mentiroso.

Os redactores de A Batalha, não só não fundaram a Secção Portuguesa do Socorro Vermelho, como se escusaram a dela fazer parte, por razões que não são idênticas às de qualquer polícia ou de qualquer burguês.

Sendo supinamente intrujão, Andrés y Morera é ainda mais parvo e inculto do que intrujão, pelo que o seu artigo, que nos está roubando espaço, merecia melhor comentário.

Mas, com paciência e boa vontade, prosigamos analisando a porcaria zinzin.

No seu desejo de querer ver, em todos os acontecimentos portugueses, o dedo de Moscú, afirma que o comunismo de Lenin, acacia a ideologia dos socialistas e a acção do anarquismo e do sindicalismo, e afirma que todos eles: o comunismo, o socialismo, o sindicalismo e o anarquismo têm a seiva comum: Karl Marx.

Quantas burridades neste período! O anarquismo não procede de Karl Marx, visto que constitui uma doutrina que lhe é antípoda; o socialismo tem sido guerreado por estar colaborando com os governos de vários países, e o sindicalismo, que tem métodos de acção que lhe são próprios, proclamou, há bastantes anos, a sua independência de todos os grupos políticos e de todos os processos políticos.

Em Portugal, e a este país se aplicam as asneiras que estamos forçadamente refutando, só os Andrés de incommensurável ignorância e de incalculável idiotia não descobriam uma scisão na classe operária, scisão provocada por em dois congressos operários ter sido rejeitada a adesão a Moscú.

A classe operária portuguesa não é aderente a Moscú, mas sim a Berlim.

¿Onde existe, pois, a tal influência moscovita que Andrés aponta?

Tão burro é o pseudo-jornalista, que a aponta na Associação dos Jornalistas, onde só há dois partidários do comunismo, que, devido aos seus afazeres profissionais, raro aparecem nas assembleias!

O resto do artigo não tem desmentido possível. São calúnias, e as calúnias feitas a muitas léguas de distância levam bem a cobardia moral do seu autor. Bem fez de resto este troca-tintas em andar metido dentro dum saco, visto que ninguém o conhece e ninguém o viu. A não ser que, excepcionalmente, tenha contraído algumas relações, e nesse caso o ditado: «Diz-me com quem andas e dir-te hei quem és» terá mais uma confirmação; a não ser que tenha ludibriado as pessoas com quem privou. E isso é muito provável. Dum Andrés y Morera tudo há a esperar...

NOTAS & COMENTÁRIOS

«Um coração ludibriado»

«Um coração ludibriado» é o terceiro volume que a Livraria Civilização, do Porto, edita do escritor cubano Alberto Insua.

Depois de «O preto que tinha a alma branca», e de «A mulher que precisa de amor», aos quais dos referimos. «Um coração ludibriado» vem dar-nos a conhecer uma nova faceta do espírito de Insua—a amenidade literária e temática.

De facto, «Um coração ludibriado» é um romance suave, onde vibra uma doce ternura e uma grande encanto narrativo. O torvelinho das paixões, que é base fundamental daquelas duas obras, esmorece nesta até chegar a um sentido poético, de grande suavidade sentimental. Alberto Insua, que possui várias modalidades literárias, mantém em todas elas um grande fulgor estilístico, que é a sua principal faculdade para aqueles que, como nós, pouco se interessam pela ficção do entretcho.

«Um coração ludibriado» foi incluído na Biblioteca do Lar.

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6900—Anual 2800. Pedidos à administração de «A Batalha».

A PONTE SOBRE O TEJO

O regime de corrente do rio não sofrerá alteração sensível com a construção da ponte afirmam-no à 'Batalha' os engenheiros Afonso Peña e Eduardo Vale

O Correio da Manhã, não podendo digirir a concessão dada a uma empresa estrangeira para a construção da ponte sobre o Tejo, deu um arrotó e quedou-se, supondo que toda a gente se calaria ante a sapiência monárquica de que a ponte inutilizaria o porto de Lisboa, em benefício do porto de Vigo.

O universo, para o órgão da causa de D. Manuel, limita-se a mela duzia de pessoas que acreditam nas suas patranhas, como os crentes confiam nas mentiras do padre. Não se lembrou o jornal da rua da Barroca que alguém lhe poderia contestar a infantilhidade, opondo-lhe argumentos sólidos, consistentes.

Esse alguém foi A Batalha. Não porque lhe interesse a empresa proponente, mas porque das diatribes daquele diário pode resultar o empate da solução do assunto, o que prolongaria o sofrimento de 4.000 operários, que são quantos se devem empregar na construção da ponte.

Imbecilidade ou despeito?

Para responder ao Correio da Manhã não precisávamos das opiniões dos dois engenheiros que depõem neste artigo, embora essas opiniões sejam muito interessantes. Bastava que lembrássemos aos leitores que a ponte tem, entre outros, o parecer favorável da comissão de marinha. E essa comissão será composta por nulidades que não conhecem o assunto? Cremos que não, embora dela não façam parte os sabichões do órgão monárquico.

Então a atitude daquele jornal seria determinada pelo facto dele não ter interesses financeiros ligados à empresa que deve construir a ponte?

Seja porque fôr. O Correio da Manhã, ou por imbecilidade ou por despeito, não quer que a ponte se faça, apresentando como argumento máximo—oh! luminares da engenharia—a inutilização do porto de Lisboa por esse importante melhoramento.

A opinião de alguns engenheiros

Pelas razões apontadas deveria falar um engenheiro hidráulico. Procurámos alguns. A resposta foi unânime:

—Podia dizer-lhe que o regime de corrente do rio Tejo pouco sofre com a ponte, não prejudicando a navegação. Mas entendo que ninguém como o autor do projecto da ponte pode falar sobre o assunto.

Na verdade, o engenheiro madrileno sr. Afonso Peña era a criatura indicada para responder à afirmação do Correio da Manhã. E nesse desejo nos dirigimos ontem para os escritórios da Empresa Nacional de Comércio e Indústria onde aquele engenheiro se deveria encontrar.

A entrevista foi demorada. O engenheiro Afonso Peña durante uma hora dissertou com proficiência sobre o seu projecto, fazendo cálculos e tirando deduções, que surpreenderam os circunstantes, no número dos quais se encontrava o engenheiro sr. Eduardo Vale, que, como o jornalista, pela primeira vez viram aquele engenheiro.

A exposição do sr. Afonso Peña foi até apoiada com novos subsídios pelo sr. Eduardo Vale, que é um engenheiro distinto.

Fala o engenheiro Afonso Peña

Logo, tudo quanto a seguir publicamos tem o aplauso do engenheiro Vale. Disse-nos o engenheiro sr. Afonso Peña sobre a inutilização do porto de Lisboa:

—Para destruir essa opinião basta dizer que a comissão marítima foi favorável à construção da ponte, exactamente por não encontrar nela o mínimo inconveniente para o porto de Lisboa.

—Mas...

—Eu sei que isso não é uma explicação clara e precisa. São necessários os detalhes. Depois duma pausa:

—A linha de mar ocupada pela ponte tem uma extensão de 2.142 metros. E os pégos da ponte, ou pilares se assim o quiserem, ocupam apenas seis por cento desses 2.142 metros.

E o engenheiro Afonso Peña saca dum lápis e principia os seus cálculos:

A velocidade das águas

—Cada pégão tem 12 metros de superfície e 30 metros de profundidade. Temos, pois, 12X39=360 m². Como são 10 os pégos da ponte teremos necessariamente, 360X10=3.600 m².

—Mas o regime de corrente do rio, senhor engenheiro?

—Esses seis por cento ocupados pelos pégos elevando as águas, do actual nível, um centímetro provocam uma maior velocidade das águas. Isso é incontestável.

—Mas quer ver qual é a velocidade das águas depois de construída a ponte?—preguntou-nos o engenheiro Afonso Peña.

Durante alguns segundos aguardámos silenciosos a resposta do nosso interlocutor que, entretanto, amontoava algarismos só-

bre algarismos para encontrar o número exacto. D. Afonso Peña prossegue depois dessa pausa:

—A velocidade das águas é actualmente de 2 metros por segundo. Com a ponte essa média seria elevada a 2,12 c/m por segundo.

E num comentário irónico:

—Não nos parece que esta diferença torne a corrente do rio tão violenta que a navegação sofra com isso.

A concluir:

—Termino como comencei: o porto não sofre absolutamente nada com a ponte. E se assim não fôsse não me parece que a comissão de marinha, que deu parecer favorável à ponte, concordasse com ela.

Fala o engenheiro Eduardo Vale

O engenheiro sr. Eduardo Vale, que vinha acompanhando a exposição do sr. Afonso Peña, reforça as opiniões deste engenheiro, declarando-nos:

—É muito interessante, para a não classificar doutra maneira, a afirmação de que o rio ficaria inutilizado com a ponte sobre o Tejo. Tudo quanto o meu distinto colega lhe disse é absoluta e rigorosamente verdadeira. Mais ainda: o caudal do rio é tão importante que a ponte não lhe causará abalo sensível.

Foram estas as declarações dos dois engenheiros: o regime da corrente do rio Tejo não será prejudicado de maneira a tornar impossível—sequer difícil—a navegação.

O Correio da Manhã não quer assim. E porisso não será de estranhar que ele amanhã venha dizer aos seus leitores que a ponte afugentou a pesca do rio Tejo... Quando a estúpidez é crassa...

FRUTOS DO COOPERATIVISMO

O que se passa na Cooperativa dos ratraeiros

A expulsão de cinco sócios fundadores

Os factos têm confirmado sempre o que temos dito sobre os resultados do cooperativismo, dentro dos moldes em que tem sido alimentado pelo egoísmo dos seus defensores.

Há exemplos de sobra, que demonstram claramente até que ponto de ambição são levados os que, por seu intermédio, pretendem constantes lucros, que acabam por aniquilar ou desvirtuar o objectivo a que lhe deveria tender. E é dentro deste ambiente que criaturas há que procuram galgar sobre os associados e se julgam revestidos duma autoridade inadmíssivel que os leva a cometer toda a espécie de incoerências e tropelias, convertendo por vezes as cooperativas em simples empresas exploradoras.

O caso que uma comissão de sócios fundadores da Cooperativa dos Catraeiros, irradiados desta ultimamente, nos vem contar, entregando-nos o extenso documento que a seguir se transcreve, prova mais uma vez a razão das nossas palavras.

O assunto em referência está sendo debatido com calor no meio dos marfíticos, alegando os atingidos ser-lhes interdita a defesa no lugar próprio.

Segue o documento:

«E' deveras lamentável o que se está passando nesta Cooperativa.

Um homem a quem as Assembleas Gerais confiaram os destinos desta colectividade, arma em carrasco e vá de fazer tudo quanto lhe apraz em prejuizo daqueles que não querem cooperar com ele nas suas infâmias, suas vilanias.

E' espantoso e é lamentável que os restantes camaradas, vendo o seu próprio ameaçado, não reajam contra semelhantes imposições e não escorram a criatura que faz da nossa casa, daquilo que a todos nós pertence, o que só ele quer, porque assim lhe convém!

Esse homem põe e dispõe adentro da Cooperativa, sem que haja quem lhe peça responsabilidades. E assim, acusa 6 camaradas sensíveis, dos quais 5 fundadores, de andarem aliciando gente, promovendo o descredito, para dissolverem a Cooperativa.

O nosso crime foi unicamente o de reclamarmos contra a admissão de assalariados como mestres, deixando os sócios da Cooperativa em piores situações.

E' este unicamente o nosso crime. Não podemos nós defender os nossos interesses?

Para que fundámos, pois, a Cooperativa?

Compreende-se, porventura, que se faça uma sindicância aos actos dos camaradas expulsos e que a comissão de sindicância seja a própria Direcção da Cooperativa, aquela Direcção que era por nós visada como delinqüente nos abusos praticados?

Compreende-se que essa Direcção expulsa qualquer camarada sem consentimento da Assembleia Geral, que só se realizou em 7 de Maio corrente, depois de nós já termos recebido officio da Direcção participando a nossa expulsão semanas antes?

O sr. José de Almeida é um indivíduo que, como foros de patrão, vem perturbar a boa marcha da Cooperativa do laborioso pessoal catraeiro do Porto de Lisboa.

E' esse indivíduo por quem sentimos repulsa, pois que, servindo-se de um jornal órgão da Cooperativa, ali lança as maiores calúnias contra os seus camaradas, aqueles

EFEMERIDES

26 de Maio

504. — Grande desordem em Lisboa, promovida por alguns rapazes, dos quais, o mais velho, não passaria dos 15 anos. Foram provocados os judeus, a rua Nova, em domingo de Páscoa. Um cristão-novo acutilou cinco ou seis, sendo presos, depois, mais de 40 rapazes. Julgados, foram condenados a açoites e degradados para a ilha de São Tomé; mas, a pedido da rainha, não chegaram a cumprir o degredo. Um dos feridos, morreu.
1669. — São quinquagenários em Coimbra uma filha e quatro sobrinhos do padre Lobo, que também foi queimado no dia 31 de Março do mesmo ano. Eram acusados de judaísmo.
1874. — Morre Joaquim António de Aguiar, o *Mata-fadas*, que decretou a extinção das ordens religiosas em Portugal.
1888. — Sai em Genebra o primeiro número de *A Crítica Social*, semanário anarquista.
1903. — Estala no Porto a greve geral dos tecelões.
1913. — A polícia parisiense procede a buscas domiciliares, visitando as habitações de 80 sindicalistas em evidência.

que sempre o ajudaram a ganhar o seu pão e que demasiadamente nele confiaram.

No *Catracão*, diz ele as maiores mentiras que podem conceber-se acerca das camadas expulsas. Pois até parte daquelas provas testemunhais são menos verdadeiras, porque há camadas que lá foram depor e o fizeram a nosso favor, como podemos demonstrar, e pela leitura das mesmas vê-se o contrário! Do que é capaz o sr. Almeida!

Acusam-nos de prevaricarmos camaradas nossos para assistirem a uma assembleia geral que se realizou-se para dissolver a Cooperativa.

Não têm os sócios direito a procurar as assinaturas necessárias para fazer reunir uma assembleia geral, conforme preceituam os Estatutos?

Não era com o intuito de dissolução da Cooperativa que queríamos convocar essa reunião, mas sim para apreciar os actos da Direcção e, se tanto fosse necessário, demiti-la, pois não se tem restringido ao que preceituam os Estatutos, mas sim às ordens do sr. Almeida.

E a prova de que ali se fez somente o que aquele cavalheiro determina é que até nas assembleias gerais os assalariados têm voto, quando nada disso temos os Estatutos.

A direcção da Cooperativa dos Catracões está abusando da confiança daqueles que lhe deram o seu voto.

Tendo sido expulso o sócio J. Duarte Legas, passados tempos o sr. José de Almeida mandou-o chamar ao escritório e disse-lhe que se queria trabalhar na Cooperativa o podia fazer, mas como assalariado, e agora temos na própria prova testemunhal que aquele camarada assinou, que ele próprio confessou que, se deixou de ser mestre, era por ser um desmazelado, tanto na embarcação como no seu corpo!

Então qual o motivo por que o sr. Almeida, tendo-lhe sido confessada uma coisa daquelas, vai readmitir o seu camarada?

Mais uma vez, por aqui se prova que o que esse cavalheiro quer é subornar-nos, para assim lhes dizer com arrogância:

— Para ali!... Receta que esses humildes lhe pegam contas e um indivíduo de uma categoria social tão elevada como a sua não pode estar debaixo do jugo dessa escumalha da sociedade. Não é assim sr. José de Almeida?

Razão de sobre tem esse cavalheiro para no seu jornal dizer: *A nós, aos que temos a nossa vida ligada à existência deste bairro, compete velar, etc.*

Um grupo, fidedignamente pequeno, dos nossos antigos companheiros, de trabalho, pretende, pelo descuido, comprometer os nossos interesses, o pão dos nossos filhos, etc.

Todos os camaradas sabem já que o sr. José de Almeida tem a sua vida ligada à Cooperativa dos Catracões e não quer de forma alguma desligar-se de lá, porque quando se parte o *facho*, isto é, o possô, quero e mando, se fica mal colocado.

Toda a gente sabe que o sr. Almeida tem muita razão quando fala no *pão dos nossos filhos*, pois que os dele lá estão todos bem colocados na Cooperativa, e não vejamos: Alfredo M. Almeida (Director Tesoureiro), Carlos de Almeida (Recebedor), uma filha no escritório e um filho na oficina!

Não será assim?

Não se recorda o sr. José de Almeida de uma Assembleia que se realizou para eleição dos Corpos Gerentes, em que perdeu a eleição e no fim se dirigiu a José Carvalho e Julio Barreiro, perguntando-lhes se estavam satisfeitos com a atitude da Assembleia e depois se dirigiu a ele dizendo que ia trabalhar com uma lanca como mestre, um seu filho como chapeleiro e outro como camarada, e aí daquele que se lhe metesse a frente?

Quer, queris, pois, dar cabo da Cooperativa? — Os sócios da Cooperativa ultimamente expulso.

Universidade Popular Portuguesa

Serão de Arte

Em homenagem ao grande poeta João de Deus, realiza-se hoje, às 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, na rua Particular 14, a obra Almeida e Sousa, uma sessão de arte, de cujo programa fazem parte uma conferência sobre o poeta pelo professor dr. sr. Estanção Loure; alguns números de canto por Mesdames Olívia Peralta, Isaura Garriga, Ester Butler e Maria Amélia Melo, quatro discípulas do maestro sr. Artur Trindade, que tomou a seu cargo a organização desta parte, sendo os acompanhamentos ao piano executados pela ilustre pianista madame Horta Machado; recitação da diversos poesias de João de Deus pelos estudantes mademoiselle Sã e Oliveira e srs. Marques e Castro e Adolfo Muller e um concurso de quadras populares.

A entrada é só para sócios, mediante cota deste mês.

A tragédia na Boca do Inferno

Faleceu ontem João Gravato

Na enfermaria Sousa Martins, do Hospital de São José, faleceu João Gravato, aquele trolheado que, como noticiamos, tentou suicidar-se após matar a tiro sua esposa, tragédia ocorrida em Cascais, no dia 14 deste mês. O cadáver recolheu à casa mortuária do Hospital de São José.

ACORRENDO

AO APELO de "A BATALHA"

Transporte	3.570\$18
Manuel Inácio (venda de um boneco no Salão de Festas da Construção Civil)	8\$50
Rogério de Carvalho (Funchal)	5\$00
José Casquilho	2\$50
Pedro Duran	2\$50
Albino da Silva Pereira	2\$50
Camilo Teixeira	2\$50
Belmiro Pinheiro	\$45
Alfredo C. Passos	2\$50
João Rodrigues de Carvalho (Malveira)	11\$25
António Lopes de Sousa (Abrantes)	4\$50
Artur Tabara	2\$50
Avelino Reis Valério (Monchique)	3\$00
José Pinheiro	10\$00
João Gonçalves	10\$00
Augusto Ferreira	2\$50
Estefânia de Sousa Lucio (Alte)	1\$10

A transportar 3.441\$48

O camarada João Rodrigues de Carvalho, de Malveira, concorreu com 11\$25, para auxílio, importância referente ao período que o jornal esteve encerrado.

Lisboa trágica

Queda dum eléctrico

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada Porfírio Augusto Galante, 49 anos, farmacêutico, residente na Rua Tomás Ribeiro, 22, 1.º, que ao apagar-se dum eléctrico na rua Eugénio dos Santos, caiu, sendo por ele colhido, resultando ficar com o pé esquerdo esfacelado, terido no baixo ventre e na cabeça, sendo operado pelos cirurgiões de serviço no Banco, drs. Luís Adão e José Picote.

Rendimentos dos operários

No Banco do Hospital de São José recebeu curativo e recolheu a casa, Afonso Camimiro, 30 anos, residente na Alameda das Linhas de Torres, 173, loja, trabalhador, que andando a descarregar pedra para uma construção próximo do local onde reside, foi por uma delas colhido ficando com um dedo da mão esquerda fracturado.

Queda duma prancha

No Posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e recolheu a casa, José Matos, 56 anos, marítimo, natural e residente em Alhos Vedros, e que na Junqueira, caiu duma prancha, ficando contuso nas pernas.

Atropelado por um automóvel

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José deu entrada Raimundo da Silva, 18 anos, vendedor de jornais, residente no Beco dos Birbantes, que foi atropelado por um automóvel na rua da Prata, resultando ficar com a perna esquerda fracturada.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Biblioteca de Instrução Profissional

Algebra elementar	13\$00
Arithmetica elementar	15\$00
Desenho linear geométrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecanica	12\$00
Elementos de Modelação	12\$00
Elementos de Projecto	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00
Geometria plana e no espaço	13\$00
Fabricante da tecidos	13\$00
Mecanica	
Torneiro e Frezador mecânicos	15\$00
Desenho de máquinas	25\$00
Material agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13\$00
Problemas de máquinas	16\$00
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplenagens e alcoerces	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20\$00
Fogoeiro	16\$00
Formador e estuador	12\$00
Fundidor	13\$00
Piloteagem	16\$00
Industria alimentar	12\$00
Industria do vidro	12\$00
Manuais de officios	
Galvanoplastia	16\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00

Teatro Maria Vitória

Parceria Teatral Limitada — Telefone N. 3644

HOJE -- Às 21 -- HOJE

Primeira representação da opereta original de Mário Monteiro musicada pelo maestro Francisco Gonzaga

ESTRELA D'ALVA

Nos principais papéis os artistas

Justina de Magalhães

e Alves da Silva

OS QUE MORREM

António Alívia Fernandes

Faleceu em São Martinho da Portela (Galiza) o sr. António Alívia Fernandes. O falecido era sócio da Associação Galitica.

A SEMANA DA CRIANÇA

Ecos das comemorações na província dêste empreendimento pedagógico

No conselho de Alcobaca

O programa das festas da «Semana da Criança», que foi anunciado, cumpriu-se integralmente, tendo a respectiva comissão promotora trabalhado bastante para proporcionar às crianças das escolas da vila uma semana de alívio nos estudos e um certo prazer sempre acompanhado do maior número possível de lições de moral, civismo, bondade, etc.

Na segunda feira, realizou-se na escola oficial da Roda uma linda festa escolar que constou de sessão solene com recitações, canto, exposição de trabalhos escolares, etc. A esta sessão presidiu a professora D. Maria Laura de Oliveira. Por fim, as crianças distraíram-se em bailes de roda, canto, etc.

Na terça feira, houve visita das crianças das escolas da vila às escolas da vizinha povoação de Vestiaria, onde se concentraram mais de 300 crianças das seguintes escolas: Alcobaca, Bemposta, Bário, Cela e Vestiaria.

Organizaram uma merenda na Quinta do Cidre onde a petizada muito se divertiu, pois o sítio presta-se pelas boas sombras e belos ares.

Na quarta feira, realizaram os professores com os alunos das classes mais avançadas uma bela excursão de estudo a Pataias, onde foram em visita às fábricas de garrafas, ver o fabrico da cal e por último merendar junto da linda lagoa de Pataias cujo sítio é encantador. Neste dia a festa tomou um brilho mais notável, pois o povo de Pataias e as suas escolas, acompanhadas pela filarmónica local quiseram proporcionar às escolas da sede do seu conselho uma linda tarde. Assim, logo que os camiónes que conduziram as crianças de Alcobaca chegaram ao apeadeiro de Pataias, compareceu muito povo acompanhando as escolas da freguesia, acompanhadas das professoras D. Mariana Martins, de Martingança, D. Cândida Ambrósio Galhardo, da Moita, e D. Ana da Glória Serrasqueiro, de Pataias.

Depois da visita às fábricas organizou-se um cortejo em direcção às escolas da localidade em que iam umas 250 crianças de ambos os sexos, e ali foram dadas as boas vindas e saudados os visitantes, seguindo tudo para o agradável lugar da Lagoa, onde merendaram.

Durante a merenda, a filarmónica de Pataias, a sombra dos copados pinheiros, tocou as mais lindas peças do seu repertório que as crianças gostosamente aplaudiram.

Na quinta feira houve uma grande concentração de crianças nesta vila, a fim de assistir à magnífica sessão que a comissão lhes proporcionou.

Esta sessão constou duma parte cômica, em que as crianças tiraram a valer, e duma parte educativa, constando de paisagens, vistas de fábricas, oficinas, sports, etc. O grande salão cinematográfico estava literalmente cheio, e ali estiveram, sem exagero, umas 800 crianças. Foi admirável, o grande cortejo constituído por toda esta petizada, ao atravessar as ruas da vila.

A saída do cinema, a comissão distribuiu a todas as crianças grande quantidade de rebuçados e bolos.

Na sexta feira, as crianças das escolas oficiais foram em confraternização fazer uma visita ao Jardim Escola João de Deus. Foi feita a distribuição de brinquedos, abundância de bolos e rebuçados, e por fim a direcção do Jardim Escola distribuiu também um lanche às crianças das escolas.

Houve canto, dança e recitação. No sábado houve uma festa ao ar livre, junto às nascentes do rio Alcoa. Naquela agradável lugar juntaram-se umas 350 crianças das escolas de Aljubarrota, Chingueda, Covões, Bemposta, Vestiaria e Alcobaca, e ali, em agradável convívio, passaram o dia em companhia dos seus professores e de muitas pessoas de suas famílias.

A noite, pelas 21 horas, realizou-se no teatro Alcobacense a anunciada conferência do dr. Alvaro Guimarães de Caires que versou proficentemente o tratamento e higiene das crianças, sendo ouvida com muita atenção a sua brilhante conferência, rematada por uma salva de palmas.

A mãe do illustre conferente, D. Luthgarda de Caires, que se encontrava presente, ao ver grande número de crianças foi ao palco recitar algumas das suas melhores composições que muito agradaram à assistência.

A comissão promotora da «Semana da Criança» era constituída pelos professores desta vila, D. Amélia do Carmo Assunção, Bernardo Correia de Almeida e Manuel Antunes.

Também as crianças do Asilo da Infância Desvalida se associaram à «Semana da Criança», indo ao Asilo de Velhinhos distribuir bolos pelos interpidos que ali se encontram.

Foi uma semana de alegria e prazer para o grande número de crianças que frequentam as escolas não só desta vila, mas da maior parte das freguesias do concelho.

Na Moita

Promovidas pela Secção Local da Liga Acção Educativa, tiveram o seu início no passado dia 13, pelas 14 horas, as festas da «Semana da Criança», com uma conferência da illustre professora D. Vitória Pais, versando o tema «Salvem as crianças, preparando-lhe o futuro».

Esta sessão foi uma intensa crítica aos preconceitos a que submetem as crianças, tendo por vezes classificado de criminosas as atitudes daqueles que, esquecendo a sua qualidade de pais, protectores ou governantes, desprezam a elevada missão educativa, não querendo compreender que o único caminho é salvar a infância, preparando assim melhores dias à humanidade. Ao terminar foi muito aplaudida.

Pelas 16 horas procedeu-se à distribuição de brinquedos e bolos que esteve muito animada, terminando o programa dêste dia com um excelente concerto musical pela Sociedade Filarmónica «Estrela Moitense».

Segunda-feira, 16, pelas 15 horas, divertimentos infantis, e sessão cinematográfica, com o «filim» «O Garoto da Flandres», que foi muito apreciado por uma assistência de 701 crianças do concelho.

Terça-feira, 17, pelas 15 horas, Lanche de confraternização entre as crianças da Moita e Alhos Vedros, que foi acompanhado de distribuição de bolos e pacotes de confeitaria, nos tipos dos quais se viam os selos de propaganda do nosso jornal. A esta encantadora festa ocorreu uma grande parte da população dêste laboriosa vila.

Quarta-feira, 18, pelas 10 horas, visita ao Jardim Zoológico, por um grupo de crianças, representantes das escolas oficiais desta vila.

Por motivos imprevistos não se pôde realizar a recita infantil, para o dia 22, ficando a mesma transferida para o dia 29 no Club Moitense.

E' de louvar a attitudo da maioria da população desta vila, no auxilio que prestou às festas, e muito especialmente a Câmara Municipal e Junta de Freguesia Monte-Sil, Grupo Amigos da Instrução, Sociedade Filarmónica «Estrela Moitense» e Club Moitense.

Como foi comemorada no Barreiro

Por iniciativa de uma comissão local em colaboração com a «Liga de Acção Educativa», e coadjuvada por uma sub-comissão das professoras D. Madalena Paulos, D. Emilia Grant, D. Maria Augusta Xavier Pinto e D. Adriana Santos, levou-se a efeito nesta vila, com todo o entusiasmo, a comemoração da «Semana da Criança», nos dias 17, 19, 20 e 21, vivendo a petizada uma semana de intensa alegria.

O programa, a-pesar de ser confeccionado no pequeno espaço de tempo de cinco dias, não deixou de ser interessante e de se cumprir na íntegra.

Em 17, realizou-se a Festa Escolar que teve lugar no esplêndido Teatro-Cine Barreirense, gentilmente cedido pelo seu empresário sr. Armando Miranda. Houve uma conferência dedicada às crianças pelo professor sr. Manuel da Silva, a qual foi presidida pelo administrador do concelho, servindo de secretários os srs. Albano Alberto de Mira Saraiva, digníssimo inspector escolar, e António José da Silva da comissão local. Seguiu-se uma sessão cinematográfica com «films» natutais, educativos e cômicos, mantendo-se as crianças em constante gargalhada.

Assistiu todo o elemento official, e estiveram presentes mais de 1.500 crianças das escolas officiaes e particulares.

Em 19, dia do passeio e do amor aos animais, realizou-se uma excursão com perto de 300 crianças em visita ao Jardim Zoológico, as quais foram acompanhadas pelas senhoras professoras, membros da comissão, e pelo professor sr. Manuel da Silva, que lhes forneceu todas as explicações.

Antes da partida para o jardim fizeram uma distribuição de lanches de milho aos pombos do Terreiro do Paço, número este que despertou bastante interesse e de grande originalidade.

No dia 20, dia consagrado à Solidariedade Infantil, fez-se a permuta de visitas das crianças das escolas do Asilo D. Pedro V. e Instituto Ferroviário, acompanhadas das escolas particulares, tendo-se nessa ocasião feito a oferta de brinquedos pelas crianças pensionistas às asiladas, como principio de solidariedade.

Este acto cheio de beleza comoveu todos que a ele assistiram, tendo-se afirmado uma intima solidariedade entre os dois institutos de assistência da localidade.

Como final do programa, realizou-se no sábado, 21, destinado à festa ao ar livre e da confraternização infantil, um interessante passeio à Quinta dos Casquilhos, propriedade da Companhia União Fabril, que da melhor vontade aquiesceu ao pedido da comissão, para que as crianças ali se reunissem.

Passaram ali todo o dia, havendo uma verdadeira confraternização, realizando-se uma merenda, diversos divertimentos e canto coral.

Regressaram ao fim da tarde, tendo entrado na vila no meio da maior animação, saltando vivas à «Liga de Acção Educativa», «Semana da Criança» e instituições representadas.

A EPOPEIA DO TRABALHO

Por Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 0\$30 e, a cobrança, de 7\$00.

Obras de Fialho de Almeida

Lisboa Galante	10\$00
Estâncias de Artico Saúde	9\$00
Figuras de destaque	9\$00
Actores e Autores	9\$00
Contos	9\$00
A' Equinidade	9\$00
Aves Migradoras	9\$00
Barbear, Penlear	9\$00
Cidade do Vicio	9\$00
Pasquinadas	10\$00
Peis das Uvas	9\$00
Saioam quantos	9\$00
Vida errante	9\$00
Vida ironica	9\$00

A' venda na administração de A BATALHA

Cartilha do homem do povo..... \$50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lohengne..... \$50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... \$150

Cartas politicas, por João Chagas, diversos numeros, cada exemplar..... \$100

A Humanidade, por Taraf Javali..... \$150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e L. Budin..... \$200

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchow..... \$200

Os gatos, por Fialho de Almeida, os tres primeiros numeros da 2.ª serie..... \$250

O Mitrismo, pelo prof. Alexandre Paiva..... \$250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... \$300

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia..... \$350

A Filologia perante a História, por Nobre Frang..... \$500

Os direitos do Estado, por A. Levisse Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho..... \$300

O que é o socialismo, por E. Soisson..... \$150

O corpo humano, por A. Levisse Gravdes e parto, pelo dr. Desvurmeaux..... \$150

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira..... \$200

Determinação do valor fisico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira..... \$150

O concilio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas..... \$350

TEATROS

MUSICA

CINEMAS

EDEN-TEATRO

A nova revista

Em consequência das exigências da revista «Cozido à Portuguesa», a companhia Almeida Cruz, que vai representá-la no Eden, será reforçada com vários elementos artisticos. Assim, entre as contratas especialmente, para essa nova peça, figura a gentil actriz Lina Democ, que após o regresso da sua digressão pelo Brasil, ainda não se apresentou ao nosso publico que muito a estima e aprecia.

COLISEU

A revista «Foot-Ball» reaparece amanhã

E', finalmente, amanhã que no Coliseu dos Recreios se estreia, em espectáculos por sessões, a grande companhia de revistas, levando à scena a célebre revista «Foot-Ball» a que foram introduzidos novos atractivos de forma a tornar-se um espectáculo verdadeiramente sensacional.

Da companhia fazem parte elementos de grande valor, dentre os quais sobressaem Julietta Soares, Carlos Leal, Ema d'Oliveira, Alvaro Pereira, Zulmira Miranda, Alberto Ghira e outros dos nomes mais consagrados do nosso teatro ligeiro, compondo-se o seu corpo coral de um numeroso grupo de grandes raparigas. A magnifica companhia, que tem ainda um brilhante corpo de baile, conta com outros elementos, entre eles o bailarino Fransis que dançará o verdadeiro Charleston.

SALÃO FOZ

«O Fado»

Hoje, o quadro «Triste fado», da revista do Foz, «Secretários dos Amantes», que continúa a sua carreira todas as tardes e todas as noites.

Os espectáculos de hoje achem com o «filim» em 6 partes «Manequim parisiense». Todos os números são acompanhados pela «Foz Melody Band».

Espectáculos de hoje

TEATROS

Gimnasio—A's 21,30—«O perigo Amarello».

São Luís—A's 21,30—«Bairro Alto».

Trindade—A's 21,15—«Os dois maridos das senhoras».

Variedades—A's 20,30 e 22,30—«A Sagrada Família».

Avenida—A's 21,30—«O Padre Curvo».

Salão Foz—A's 15 e 21—«Secretários dos amantes».

Maria Vitória—A's 21—«Estrela d'Alva».

Joaquim de Almeida—A's 20 e 21—Cinema e variedades.

CINEMAS

Chiado Terrasse.—Todas as noites animatografado.

Tivoli—Todas as noites animatografado.

Salão Olimpia.—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatografado e concerto musical.—Rua dos Condes.

J

A BATALHA

As grandes realidades tiveram sempre
a sua origem nas grandes utopias.
ANATOLE FRANCE



NO REGIME CAPITALISTA

A situação do operariado italiano

Paris, Maio.—A «carta do trabalho» a Magna Carta—que se anunciava como «revolucionária do mundo», etc. etc., revela-se uma carta de escravidão do assalariado. O essencial desta «carta» examina-se em vários artigos.

A organização profissional e sindical é livre. Todavia, só o sindicato legalmente reconhecido e submetido ao controle do Estado tem o direito de se fazer representar nas questões entre os industriais e os operários—assim reza o artigo oitavo.

Na lei sindical fascista emite-se o princípio, demasiadamente conhecido, de que o sindicato é livre desde que não tenha possibilidade de se manifestar de facto e na realidade.

O artigo terceiro diz claramente: «Só ao Estado fica o direito de organizar uma estatística dos desempregados». Com tal doutrina pretende o governo fascista debelar uma crise que, mau grado todos os discursos oficiais, alastra por todo o mundo, não deixando a Itália. O governo declarou ultimamente existirem 130.000 operários sem trabalho. Na realidade, porém, há três vezes mais, porque as indústrias em plena actividade dedicam-se unicamente à consolidação da paz: quer dizer, trabalham em armamentos. O capitalismo na Itália fascista só quer que se publiquem as suas estatísticas para fundar a sua existência no «bluff» e na mentira.

O artigo vigésimo-terceiro prescreve: «Os industriais são obrigados a admitir somente os operários que estejam inscritos pela «repartição de emprego» controlada pelos sindicatos fascistas. Ficam com o direito de escolher entre os operários inscritos, mas devem preferir, de nomeada, os que estejam filiados no partido fascista e seus sindicatos. Entre todos estes, ainda deverá preferir os que tenham maior tempo de organização».

A doutrina do artigo é clara: na prática, os operários que não tenham profissão de fé fascista ficarão impedidos de trabalhar. No entanto a melhor maneira de apreciar as leis é controlá-las no decurso da sua aplicação.

Numerosos operários têm sido condenados pelo simples facto de defenderem os seus direitos económicos. *Il Lavoratore Italiano* dizia num dos seus últimos números:

«Têm sido declaradas algumas greves e ainda outros conflitos de trabalho, no norte de Itália, motivados pela redução dos salários. As corporações, lutando com falta de meios de acção sindical, abandonaram os trabalhadores à sua sorte. Quando intervierem, é para sufocar a acção dos próprios operários. Próximo de Veneza, nos estabelecimentos Breda de Marghera, 500 operários declararam-se em greve em seguida a terem os patrões feito propostas de redução de salários. Os operários nomearam uma comissão, independente das corporações fascistas, a qual foi encarregada de negociar com os industriais. Diante da firmeza e da união dos operários, os estabelecimentos tiveram de fazer concessões e os operários retomaram o trabalho. Somente, após a agitação, intervieram para fazer capturar os membros da comissão que havia conduzido as negociações».

E' assim que, na prática, tratam as corporações.

A «carta do trabalho» tornou mais grave a situação dos trabalhadores.

NA RUSSIA

Gozinha para operários

Em Nijni-Novgorod, Rússia, inaugurou-se festivamente no 1.º de Maio a segunda gozinhola proletária, cujo fim é fornecer refeições ao operariado por baixo preço: 25 a 40 kopeks. Diz a informação que dali receberam de uma gozinhola pode fornecer 10.000 operários do trabalho de gozinhola em casa. O refectório pode conter 3.000 pessoas, mas a comida é também enviada directamente às várias oficinas, em automóveis, em aparelhos conservadores do calor.

Todo o trabalho da gozinhola é feito pela electricidade; descascam-se batatas, corta-se carne, pão, etc. mecanicamente. E' considerada tal inovação como um grande passo na libertação da mulher.

(Sat-SERVO).

INFORMAÇÃO TELEGRAFICA

GENEBRA, 5.—A décima Conferência Internacional do Trabalho inaugurou hoje os seus trabalhos, encontrando-se representados 42 países.

PARIS, 25.—Foram adiadas as negociações para o acordo comercial franco-alemão.—L.

Já está à venda na nossa administração

La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência—controvérsia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das «Sociétés Savantes» de Paris.—Tradução espanhola de Elizalde com um desenho na capa de Shum.—Preço 1\$60.—A' venda na administração de A Batalha.

E COS DA REVOLUÇÃO

Esquecido na prisão

Quando do último movimento revolucionário foi ferido com um tiro num ombro, na travessa dos Remolares, um pobre velho, quase cego, Maximino Lopes se chama, que recolheu ao hospital da Estrela.

Passados dias veio a alta e este ferido transitou para o governo civil e dali para o Forte de Monsanto, depois da junta médica ter dado parecer desfavorável ao seu envio para África.

Maximino Lopes ainda se conserva naquela cadeia, no Sector C. Não seria um acto de justiça enviar o pobre homem para qualquer asilo, visto ser este o seu desejo?

Exercício de farmácia

Uma importante reunião dos ajudantes de farmácia de Santarém

SANTAREM, 24.—Realizou-se ontem, nesta cidade, uma reunião dos empregados de farmácia a fim de apreciarem o decreto 13.470.

A's 23 horas, o sr. Prudêncio, em nome dos ajudantes de farmácia, expôs os fins da reunião, indicando para presidir o sr. António Joaquim Esteves, membro da Associação da zona sul, que ao seu lado fica com os srs. António Simões Gomes e António Fernandes Lima a secretária-geral.

O presidente saudou os assistentes e lamentou não poder trazer na sua companhia os restantes seus colegas da direcção.

Sabe que alguns sócios da Associação do Sul se levantarão contra ele a protestar contra a sua ida a Coimbra e Santarém, mas está ali com a consciência plena de bem ter procedido, porque está autorizado a afirmar a solidariedade da Associação.

O sr. Branco Lisboa fala em seguida saudando todos os colegas e agradece o penhorado à direcção da Associação dos Empregados do Comércio a cedência da sala.

Entrando no assunto, afirma que este movimento não é só de carácter material ou de interesse imediato, mas sim, e com mais propriedade, de ordem moral e futura.

Representa o sr. Regatão como um dos representantes e orientadores deste movimento.

Descreve agora as entrevistas que durante os últimos anos tem tido com ministros acerca do operário de farmácia e as promessas por eles feitas de os atenderem e acrescenta que nada fizeram para os cumprir.

Expõe o que foi uma «démarche» individual por ele efectuada junto do actual ministro da Instrução, que lhe confessou ser-lhe impossível revogar a lei que levanta os protestos.

Na leitura que a seguir faz da exposição apresentada ao ministro mostra as manipulações dos diplomados que noutro tempo lhes venderam as farmácias, considerando-os, portanto, aptos a exercer a profissão e a arcar com todas as suas responsabilidades, e agora afirmam representarem eles um perigo para a saúde pública.

Como ilacção desta dualidade dos farmacêuticos transparece os seus indignos desejos de se apropriarem de novo das farmácias que ontem venderam.

Referindo-se à separação existente entre ajudantes assalariados e ajudantes estabelecidos, diz que foi ele a criada pelos farmacêuticos que a provocaram malevolamente.

Citando a questão dos salários põe à evidência que os dos ajudantes são irracionais, mas que mesmo assim os farmacêuticos exploram mulheres e crianças a quem mais mal pagam ainda.

As palmas que coram estas palavras proseguiu a ouvir-se quando o orador afirma ser indispensável que a atitude dos interessados se mostre activa e de cabeça levantada, dando que nada mendigam, como trabalhadores que são e se prezam.

Para os atingidos pelo decreto—diz o orador—não se trata de pedir diplomas nem nada de papéis parecidos visto que o que se torna preciso exigir é a carta de alforria, de liberdade absoluta, para exercer honradamente o seu trabalho.

Os farmacêuticos diplomados querem continuar a fazer dos ajudantes, escravos, mas estes devem opor-se-lhes.

O sr. Regatão, referindo-se aos dois oradores que o antecederam, diz ter o primeiro exposto a questão com toda a clareza e afirma que o segundo a colocou nos devidos termos.

Fala o sr. Soares, empregado de farmácia, que diz ter sido sempre a classe dos ajudantes de farmácia a única que nunca viu corados os seus esforços de bom êxito, sendo agora preciso que ela marque neste movimento a sua atitude, e com nobreza, porque não é ela a mais inculta.

Depois de outras considerações, este orador dá por findo o uso da sua palavra, saudando os membros da comissão de Lisboa.

O sr. António Simões Gomes entende ser dispensável fazerem mais oradores uso da palavra, pois está já bem esclarecida a questão.

O sr. Regatão, em nome da Grande Comissão de Defesa dos Ajudantes de Farmácia, fala por último, e em breves palavras apresenta os cumprimentos daquela comissão orientadora.

Descreve a traços rápidos o significado e utilidade deste movimento e termina saudando vivos à Associação dos Ajudantes de Farmácia, que são delirantemente correspondidos pela numerosa assistência.

A's 230 horas da madrugada é encerrada a sessão com a aprovação da proposta que nomeia para a comissão que fica trabalhando no distrito, de acordo com a do sul, os srs. Manuel Guedes Duarte, Manuel Raimundo e Aurélio Soares, por Santarém; António Fernandes Lima, por Torres Novas; e José Paulo Fernandes, por Cartaxo.

Federação Portuguesa de Solidariedade

a Presos e Perseguidos por Questões Sociais

Delegados deste organismo e do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica. Conferenciaram ontem com o Comissário da Polícia de Informações do Ministério do Interior, sobre a situação dos 3 operários que se encontram presos, há bastante tempo, no calabouço 4 do Governo Civil, aquela entidade respondeu que estava tratando do assunto e por estes dias seria definitivamente resolvida a situação dos mesmos.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Executivo e o secretário do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica.

EL QUINTO EVANGELIO

por HAN RYNER

A nossa Administração acaba de receber alguns exemplares desta obra, editada em espanhol, satisfazendo todos os pedidos acompanhados da respectiva importância. Preço: \$800. Pelo correio: \$850.

Sobre organização

IV

O Sindicalismo

O Sindicalismo, pelo contrário, é eminentemente revolucionário: tem por fim destruir, curar o mal. Contém todas as espécies de manifestações de solidariedade humana. E' mais vasto, vai mais além, é mais profundo do que os citados paliativos.

O seu carácter é essencialmente orgânico e integral e não dispersivo e fragmentário; pretende destruir as instituições actuais e não viver com elas numa convivência incoerente, imoral, sendo idiota ou sofisticada. E' sobretudo uma organização social integral, completa, que vai realizando-se em todas as sociedades e que tende naturalmente a abranger todos os indivíduos num nível, ou, melhor, numa destruição de classes.

Estudando o passado, observando o presente e prolongando a recta que os une, o Sindicalismo impõe-se como a futura síntese social que deve substituir o actual momento de análise social, iniciado com a Reforma ou Protestantismo e desenvolvido com a Revolução francesa de 1789 e as revoluções liberais.

A «verdade sindicalista» identifica-se, portanto, na «verdade sociológica». O Sindicalismo corresponde às tendências sociais, —feitos necessários da evolução social,— à necessidade de toda a sociedade se sindicalizar.

O Sindicalismo não é, pois, apenas, uma estratégia, uma táctica; é um modo prático e eficaz de se realizar a emancipação dos povos e a resultante fatal do determinismo social, do devenir social.

E' a aplicação da lei do transformismo social em que do homogêneo indefinido, confuso, incoerente, se passa para o heterogêneo definido, para a diferenciação de funções.

Por tanto, o Sindicalismo tem um carácter e fundamento essencialmente sociológico, científico.

E por isso, o Sindicalismo, isto é, a agremiação dos indivíduos agrupados por especialidades técnicas, não é um apêndice de qualquer classe. Ele revela-se como tendência, em todos os graus e especialidades profissionais.

Faz sindicalismo, o jornalista que entrevista o competente e lhe solicita a opinião sobre a matéria que percebe, em contraposição do político que resolve tudo, fala de tudo sem de nada perceber, —salvo os interesses inconfessáveis do campandão.

Faz sindicalismo, o próprio Estado quando, destruindo-se a si próprio, abdica da sua autoridade e confessa a sua ignorância e impotência, remetendo, em princípio ou tese, a solução de vários problemas às competências técnicas.

Fazem sindicalismo, os corpos docentes dos estabelecimentos científicos e artísticos, tomando resoluções, tratando e estudando os assuntos que só eles percebem e de que só eles podem ter conhecimento científico e técnico.

Fazem sindicalismo, os variados congressos, onde os especialistas, os profissionais, os técnicos vêm discutir os problemas que só eles podem discutir e resolver conforme as leis científicas, positivas e sem preocupações do mando, da conquista do poder.

Fazem sindicalismo, todos os indivíduos que se reúnem, se agremiam como profissionais, para resolverem directamente, sem interpostas pessoas, sem intervenção dos chamados poderes constituídos, qualquer assunto, qualquer problema técnico ou científico.

Por tanto, os operários sindicalizando-se não fazem mais do que estarem de harmonia com as leis sociológicas, com a evolução social.

Não fazem apenas uma defesa oportuna e eficaz das suas vidas contra a burguesia organizada em Estado; fazem mais: organizam a sociedade futura em alicerces positivos e justos, porquanto organizam a solidariedade humana.

Assim, pois, conforme a observação dos factos e das tendências sociais, a Sociologia conclui que a organização social próxima futura terá uma base sindicalista, isto é, os diferentes órgãos do corpo social serão constituídos pelos respectivos elementos técnicos e peritos, que, reunidos, chamarão a si a função de coordenar e de harmonizar as actividades individuais, no sentido convergente ao bem geral, constabulando, portanto, em si, a função política, que passará a ser exercida sem intervenção de qualquer autoridade ou princípio autoritário.

Dentro deste regime, os indivíduos exercitar-se hão numa prática essencialmente educadora no sentido libertário, e dele deverá sair sucessivas organizações sociais progressivamente cada vez mais libertárias.

O erro e a verdade

Pode parecer que somente o erro deveria ter inimigos e que a verdade só amigos deveria contar; ora é precisamente o contrário que sucede. Os militantes a favor do erro são muitos numerosos, quanto raros são os militantes a favor da verdade. Isso explica-se: a VERDADE ISOLA.

E' preciso coragem, é preciso audácia para aquele que a defende contra milhões de cegos e de surdos, correndo o risco da sua ignorância, o risco da sua intolerância, o risco de ser tomado por louco, o risco da sua liberdade e da sua própria vida.

Sebastião FAURE

Por Julião Quintinha

Vizinhos do Mar..... \$800
Cavalgada do Sonho..... \$800
Terras de Fogo..... \$800
Dor vitoriosa (novela)..... \$25

Por Ferreira de Castro

Sangue Negro..... 2\$50
Sedas de Lirismo e de Amor..... \$800
A Peregrina do Mundo Novo..... \$600
F. Castro e E. Frias — A Boca da Estige..... \$800

A' venda na administração

de «A Batalha»

CRONICA DO ESTRANGEIRO

Recontenimentos vários

A travessia do Atlântico

A consagração de Lindbergh

PARIS, 25.—O aviador Lindbergh regressará aos Estados Unidos, a bordo de um navio de guerra, acompanhado por uma escolta naval. A aeronautica alemã enviou um telegrama ao herói da travessia do Atlântico Norte, felicitando-o.

A mãe de Lindbergh recusou a quantia de 20.000 dólares que lhe ofereceu uma companhia cinematográfica norte-americana para figurar num «filme».

A mãe do aviador Coli, a pesar da dor que a consome, felicitou Lindbergh pelo seu triunfo. O aviador, num afectuoso telegrama, agradeceu as palavras de madame Coli, dizendo que era seu desejo ir em breve a Marselha prestar a homenagem a quem cujo nome ficará inscrito em letras de ouro nos anais da aviação.—L.

LONDRES, 25.—O capitão aviador Lindbergh aceitou o convite do Real Club Aéreo para vir a Londres, estando-lhe preparada uma imponentíssima recepção. O aviador tenciona deixar Paris no sábado próximo, voando sobre Bruxelas, depois do que levantará em direcção a esta cidade, onde se presume que chegue pelas 15 horas, na próxima segunda-feira.—L.

A catástrofe do Mississippi

Nada detém as águas impetuosas

NOVA YORK, 25.—Cem mil pessoas fogem das cheias do Mississippi, cada vez maiores, despedaçando os diques que lhe embaraçam a passagem.

A rotura que se deu ontem no dique de Atchafalaya, eleva a 2 milhões de hectares a área inundada pelas cheias na Luisiana. Esta nova catástrofe veio demonstrar a inutilidade de futuros esforços no sentido de evitar novas inundações.—L.

O regime burguês

Arte de comemorar centenários patrióticos

MADRID, 25.—Por ocasião da festa nacional da Argentina, Afonso XIII assinou um decreto relativo a uma operação financeira, pelo qual será firmado um contrato com a Argentina para construções navais.—L.

PARIS, 25.—Por motivo de ser hoje festa nacional na Argentina, as legações francesa e britânica em Buenos Ayres foram elevadas à categoria de embaixadas.—L.

Parlamento reduzido

WELLINGTON, 25.—Fundando-se no censo da população, os comissários do governo propuseram que a representação do norte fosse aumentada de um membro, sendo diminuída de outro a representação do sul, ficando desta maneira constituído o parlamento da Nova Zelândia por 29 membros em vez de 47, número de que se compunha até há pouco.—L.

Rivalidades de potências

A «conferência do desarmamento»...

LONDRES, 25.—A Gran-Bretanha faz-se representar na conferência para o desarmamento naval, da iniciativa do presidente Coolidge, pelos srs. Bridgman, primeiro «lord» do almirantado, visconde Cecil, e «sir» Fredrie Field.—L.

WASHINGTON, 25.—O governo confirmou a data de 20 de Junho para a inauguração da conferência naval das três potências.—L.

O conflito italo-iugoslavo

BELGRADO, 25.—O ministro dos Estrangeiros recebeu ontem o ministro de Itália, bem como os da Inglaterra e da Romênia. Crê-se nos círculos políticos de Belgrado que as negociações italo-iugoslavas tenham então começado.—L.

Na Tchecoslováquia

Eleição do chefe do Estado

Sexta-feira próxima, efectuar-se-há em Praga a eleição do novo Presidente da República Tchecoslovaca. Sobre o decurso da eleição e do seu resultado, o estrangeiro será informado pelo posto radiotelefonico em Praga, na sexta-feira próxima, em língua francesa, das 11 às 13 horas (hora da Europa Central) ondas 348,9.—(Comunicação do consul da Tchecoslováquia em Lisboa).

Outros factos

PARIS, 25.—O embaixador Quinones de Leon entregou ao sr. Briand as últimas instruções do governo espanhol para as negociações sobre Tanger.—L.

ROMA, 25.—Afirma-se que o prémio Nobel de literatura será conferido a Pirandello.—L.

Os organismos rurais de Evora e Graça do Divor encerrados ultimamente pelas autoridades.

As autoridades de Evora, por sugestão dos lavradores, estão apostadas em reduzir a torremosa a organização rural do distrito. Depois do encerramento dos sindicatos da Graça do Divor e de Evora e da Federação Rural, chegou-nos a notícia de que no dia 21 do corrente a polícia foi à sede destes dois últimos organismos aroando os seus haveres e metendo-os na sala das sessões que ficou lacrada, levando a polícia a chave.

Em Graça do Divor, a polícia levou do sindicato rural todo o seu mobiliário e livros, sendo tudo transportado numa camionete para a esquadra. A fúria expropriadora não escapou ao mastro que aquele sindicato tinha numa das suas janelas. Quando é que deixarão em paz aqueles trabalhadores que se algum crime cometeram é o de se sujeitarem à exploração dos lavradores?

Esclarecendo

O Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste repele uma «carta aberta» solicitando a amnistia aos ferroviários da classe

Da comissão administrativa do Sindicato do Sul e Sueste recebemos a nota que a seguir publicamos:

Camada director de A Batalha.—Tendo os jornais *Século* e *Diário de Notícias*, do dia 24, publicado uma nota em que se dizia que os ferroviários do Minho e Douro e Sul e Sueste haviam feito circular uma «Carta aberta» ao ex.º sr. Presidente da República, solicitando a amnistia para os ferroviários que se encontram presos e deportados, por efeito do movimento político de Fevereiro p. p., rogamos a v. publicação da seguinte «Nota» para elucidação do público e dos ferroviários:

NOTA.—O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste declara que nenhuma interferência teve na «Carta aberta» ao ex.º sr. Presidente da República solicitando a amnistia dos ferroviários presos e demitidos por causa do último movimento político, porquanto este Sindicato nenhuma responsabilidade tem no referido movimento. Os presos ferroviários destas linhas, que hoje são só em número de quatro, conservam-se ainda nesta situação por motivo da última greve e não por questões políticas, com o que o Sindicato nada tem. Da sua situação tem tratado uma Comissão Delegada dos Ferroviários destas linhas e da Federação Ferroviária directamente com as entidades competentes, não tendo, por consequência, motivos para publicações de quaisquer documentos no sentido daqueles.—O Secretário Geral, M. A. Fernandes.

CONFERÊNCIAS

«A acção das crianças e dos adultos na renovação do ensino»

E' este o tema da conferência que o professor sr. Manuel da Silva, membro da sub-comissão de Instrução, Educação e Arte da Sociedade A Voz do Operário, realiza hoje, pelas 21 horas, na sede da mesma Sociedade. A entrada é pública.

«Higiene do trabalhador»

Na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.º, às 21,30 horas de hoje, realiza o dr. sr. Bentes Castel-Branco uma conferência de grande utilidade para as classes trabalhadoras acerca da acção da temperatura sobre o organismo, desde o gelo ao fogo, como se tomam e para que servem os banhos de água, ar, luz, sol, etc. e distribuindo-se no final literatura higiénica gratuitamente e indicando-se os melhores livros de educação física e cultura natural da vida. Entrada livre.

«Psicologia do Trabalho»

Na secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada no Sindicato da Construção Civil, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza amanhã, pelas 21,30 horas, o dr. sr. João Camoeses, a 5.ª e última lição do curso sobre «Psicologia do Trabalho». O tema desta lição é a «Psicologia do Trabalho». A entrada é pública.

Crise de trabalho no Comércio

Uma comissão do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa teve ontem uma demorada conferência com o sr. ministro do Comércio, para tratar da crise que esta classe atravessa, prometendo aquela entidade dedicar a maior atenção aos pontos que este organismo apresenta na sua representação, para assim evitar que o mal tome maiores proporções.

Hoje, reúne a comissão mista de desemprego pelas 22 horas, para apreciar os resultados da entrevista com o sr. ministro do Comércio.

VIDA SINDICAL

Camara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Para assunto urgente, reúne hoje a Comissão Administrativa, pelas 19 horas pre-fixas.

E' indispensável a comparência de todos os seus membros.

Comunicações

Corticeiros de Lisboa.—Reuniu a assembleia geral nomeando Nemécio Alves para fiscal para o mês de Junho. Antes da ordem foi apreciada a nomeação de José de Almeida para representante do operariado português à Conferência Internacional de Trabalho, resolvendo protestar contra essa nomeação.

Compositores Tipográficos.—Reuniu a direcção da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, que tratou de diversos assuntos administrativos.

Para apresentação do relatório da comissão pró-desempregados, eleição de cargos vagos na direcção e resolver sobre a atitude assumida pelo sócio Marques Costa, reúne-se esta classe, em assembleia geral, amanhã, pelas 17 horas e meia, na sede sindical.

Encadernadores e Anexos.—Na reunião de ontem, a comissão administrativa apreciou vários assuntos de ordem interna, que se prendem com a cobrança e vida financeira do sindicato, resolvendo convocar os cobradores a reunir na próxima quarta-feira, 1 de Junho, para resolver em definitivo.

Comunica-se a todos os sindicatos e organismos operários que este sindicato se encontra instalado na nova sede, na «Casa dos Gráficos», Rua das Flores, 13, 1.º, para onde se deverão dirigir a tratar qualquer assunto.

A todos os operários: encadernadores, pautadores, douradores, costureiras, etc., que empregam a sua actividade na confecção do livro e que se encontram desempregados, pede-se para que se inscrevam no «Bolsim de Trabalho», patente na sede, todas as quartas-feiras, das 21 às 24 horas, a fim de ser organizado o estudo sobre o momento problema da crise de trabalho, na indústria.

Convocações

PARA HOJE:

Sindicato Único Metalúrgico.—A comissão administrativa, pelas 21 horas, com a comparência dos camaradas Alfredo Miranda e Manuel da Conceição, para efeitos de cobrança.

DIAS PROXIMOS:

Manipuladores de Pão.—Reúne amanhã, pelas 19 horas, a assembleia geral para tratar dum assunto de interesse para a classe.

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

INSTRUÇÃO

Foram colocados definitivamente no liceu de Coimbra os professores adidos do extinto Instituto Industrial e Comercial daquela cidade os srs. Manuel Marques Esparteiro e Joaquim Simões Pereira.

Foi exonerado de inspector interino de Moimenta da Beira, o sr. Marcelino Dias Ferreira e substituído também interinamente pelo professor de Arraiolos, sr. José António Cardoso Teixeira, e foi nomeado inspector interino do 3.º bairro de Lisboa o professor do ensino primário superior adido sr. Florencio Sanches e Brito.

Secretariado Nacional de Assistência

Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURIDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o advogado dr. Campos Lima dará consulta.

Aos trabalhadores

Para que A BATALHA possa enfrentar a difícil situação que atravessa, mister é que os trabalhadores lhe dispensem toda a sua solidariedade moral e material.

A perspectiva do desaparecimento do jornal defensor dos interesses da classe trabalhadora, tem de ser devidamente apreciada pelos operários conscientes, que conhecem a sua acção, através de oito anos de luta intensa, coberta de todos os sacrifícios, que já mais conseguiram fazê-lo vergar aos torpes desígnios dos seus inimigos.

Neste momento, mercê de circunstâncias especiais que se atravessaram, A BATALHA apelou para os trabalhadores e estes mais uma vez a vieram auxiliar. O que, porém, se adquiriu até agora é insuficiente ante as suas indispensáveis condições de existência!

Cada amigo de A BATALHA deve conceber bem esta situação e esforçar-se por fazê-la compreender a todos os seus camaradas de trabalho, a fim de que cada um de pr. si e voluntariamente acorra a este apelo.

Operários: Auxiliai A BATALHA, jornal que, através de qualquer contingência, se bate pelos mais elevados princípios humanos, estigmatizando com altivez as injustiças desta Sociedade.

Solidariedade ao jornal operário!